



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Prette, Zilda A P. Del; Prette, Almir del; Barreto Mendes, Maria Cecília; Bandeira, Marina; Rios Saldaña, Maria Refugio; Ulian Alcântara Oliveira, Ana Lucia; Gerk-Carneiro, Eliane; Falcone O, Eliane Mary de; Villa Bratfisch, Miriam
Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo Multicêntrico
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 341-350
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817307>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo

Zilda A P. Del Prette^{1,2}

Almir Del Prette

Maria Cecília Mendes Barreto

Universidade Federal de São Carlos

Marina Bandeira

Universidade Federal de São João Del Rei

Maria Refúgio Rios-Saldaña

Universidade Nacional Autónoma do México

Ana Lucia Alcântara Oliveira Ulian

Universidade Federal da Bahia

Eliane Gerke-Carneiro

Universidade Gama Filho

Eliane Mary de O. Falcone

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Miriam Bratfisch Villa

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

Habilidades sociais que ocorrem com alta frequência e pouca variabilidade podem ser consideradas como padrões, cultura ou subcultura que são importantes na seleção de instrumentos de avaliação e no planejamento de intervenções. Este estudo teve como objetivo caracterizar o repertório de habilidades sociais de estudantes de Psicologia com base em amostras de 4 localidades: São Paulo (SP), Bahia (BA), Minas Gerais (MG) e Rio de Janeiro (RJ), verificando diferenças entre elas, inclusive em termos da influência do sexo e da idade. Quinhentos e sessenta e quatro estudantes responderam 1 inventário de auto-relato IHS- Del-Prette & A. Del Prette, 2001, cujo estrutura de 5 fatores: F1) enfrentamento e auto-afirmação; F2) expressão de afeto positivo; F3) conversação e desenvoltura social; F4) lidar com desconhecidos e situações novas; e F5) autocontrole da agressividade. Com base no escore geral (EG) e escores fatoriais foram efetuadas análises comparativas por localidade e, em cada uma delas, por sexo e idade (ANOVA seguida de testes de Tukey). Os resultados indicaram que: a) os estudantes de Psicologia apresentaram escores mais altos que os da amostra normativa em F1, F2 e F5, mas as diferenças de sexo seguiram os padrões normativos; b) houve influência da localidade nos escores, com interação local-sexo e local-idade; c) as amostras de MG, BA, RJ e SP apresentaram perfil semelhante, apresentando escores mais altos no F1, MG e SP no F2 e F5; d) houve mais diferenças de gênero na BA e menos no RJ. Discussões ocorreram no F4 (favoráveis aos mais novos para SP) e no F5 (favoráveis aos mais velhos para BA e RJ). Discute-se a importância de se encontradas, levantando-se hipóteses e questões para pesquisa adicionais.

Palavras-chave: Habilidades sociais; cultura; estudantes de Psicologia; escalas de avaliação.

Social Skills of Psychology Undergraduates: A Multicentered Study

Abstract

Social skills occurring in a high frequency and low variability can be taken as patterns, suggesting cultural or sub-cultural patterns, which are important when selecting instruments for evaluation and planning interventions. This research aimed to characterize the repertoire of social skills of Psychology students from 4 Brazilian places: São Paulo (SP), Bahia (BA), Minas Gerais (MG) and Rio de Janeiro (RJ), verifying differences and the influence of sex and age on their patterns. Five hundred sixty four Psychology undergraduates answered 1 self-report inventory (IHS-del-Prette) with a structure of 5 factors: F1) coping and assertion; F2) expressing positive affect; F3) socialization and self-confidence; F4) dealing with unknown people and new situations; F5) aggressiveness self-control. The samples presented higher scores than the normative sample in F1, F2 and F5, but the sex differences followed the normative patterns; b) there was influence of the locality on the scores, with interaction locality-sex and locality-age; c) the samples of MG, BA, RJ and SP presented similar profile, presenting higher scores in F1, MG and SP in F2 and F5; d) there were more differences of gender in BA and less in RJ. Discussions occurred in F4 (favorable to the younger for SP) and in F5 (favorable to the older for BA and RJ). The importance of finding and raising hypotheses and questions for additional research is discussed.

A avaliação do repertório de habilidades sociais pode focalizar aspectos observáveis ou não observáveis do comportamento. Os aspectos observáveis referem-se às classes comportamentais amplas ou molares como fazer e responder (a) cumprimentos e elogios, expressar opiniões e discordâncias, iniciar, manter e encerrar conversações, fazer críticas e responder a elas etc. e, também, a seus componentes moleculares verbais e não-verbais, como de tom de voz, contato visual, gestos, postura etc. Os aspectos não diretamente observáveis incluem pensamentos, percepções, representações etc., que precedem, acompanham ou seguem o desempenho social.

Dada a amplitude das dimensões associadas aos conceitos de habilidades sociais e de competência social, justifica-se a existência de vários métodos de avaliação. Os instrumentos usuais de avaliação incluem o relato por significantes (inventários, questionários, roteiros de entrevistas), a observação direta (registros cursivos de episódios ou classes específicas de comportamentos, em situação natural e/ou em situações estruturadas de desempenho de papéis) e o auto-relato (inventários, questionários e roteiros de entrevistas).

Os registros de observação fornecem importantes subsídios para se examinar a funcionalidade do desempenho social em diferentes contextos e com diferentes interlocutores, mas requerem uma sofisticada metodologia de análise (um exemplo dessa metodologia pode ser encontrado em Bandeira, 1999; Bandeira & Tremblay, 1998), que restringe sua aplicação em larga escala com objetivos normativos. Nesse caso, o instrumento mais viável, e mais comumente utilizado, tem sido o inventário, com questões que contemplam uma diversidade de demandas, interlocutores e situações.

Embora o máximo da competência social implique em uma maior flexibilidade comportamental, própria da capacidade adaptativa do ser humano, as pessoas não são igualmente “habilidosas” nas diferentes situações interpessoais e os desempenhos socialmente aprovados e valorizados podem variar bastante de uma cultura para outra. Esse caráter situacional-cultural da competência social opõe-se à noção de “traços de personalidade” (McFall, 1982), implicando na necessidade de se

sobre padrões desenvolvimentais e de gênero, necessariamente ser diferenciados quando se trata de gênero de referência. As diferenças na competência social de homens e mulheres ocorrem desde a infância (L. Del Prette, 2002), embora localizadas em fatores ou contextos. Caballo (1993) cita vários estudos que mostram que as mulheres são como mais habilidosas na expressão de sentimentos e os homens na expressão de sentimentos negativos. A habilidade de fazer solicitações, o que também varia, em estudos realizados no Brasil (Z. Del Prette, 2001). Em resumo, as variáveis sociais afetam o desempenho social, porém o desempenho social pode ser diferente sob contextos culturais diferentes.

A frequência com que determinadas habilidades são avaliadas pelos indivíduos de um grupo ou contexto social é um indicador dos comportamentos efetivos e das expectativas de contexto e pode ser tomada como referência para o afastamento, de um indivíduo específico das expectativas de seu grupo. O afastamento pode ser tanto de déficits de observação, percepção social e controle sobre o próprio comportamento quanto de concepções e valores divergentes do padrão social da cultura do próprio grupo. Certos indivíduos, como inovadores e, mesmo, idiossincráticos, podem não seguir os padrões sociais e, também, os valores dos grupos. Um exemplo foi o movimento hippie, que foi considerado como contracultura na época e não foi incorporado pela sociedade.

A busca dos padrões normativos de comportamento em diferentes variantes das subculturas nela existentes tem sido um desafio transculturalmente usualmente direcionados para a validação de instrumentos de avaliação de habilidades sociais ou com objetivos de orientação social visando a convivência e o ajustamento social em diferentes culturas (Ex.: Bresnahan, Shearn, Carmona & Lorr, 1992; Fray & Hector, 1988; L. Del Prette, 1993; Nikura, 1999; Wood & Mallinckrodt, 1993; Tanaka, 2001). Além desses objetivos, definidos

competentes, não obstante a especificidade situacional sob cada uma delas³.

A diversidade cultural, amplamente reconhecida em nosso país e representada no cinema, na literatura, na música e em estudos antropológicos e sociológicos, sugere costumes, valores e crenças que podem afetar as características do desempenho social de subculturas regionais. Embora fundadas em um certo folclore e reforçadas por estereótipos, a forma como se traduzem, no cotidiano das relações interpessoais, as diferenças de desempenho social entre nortistas, nordestinos, sulistas etc., ou entre mineiros, gaúchos, cariocas, paulistas, baianos etc., não têm recebido muita atenção na literatura psicológica.

Assim, além de prover informações técnicas sobre as qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados, a análise dessas diferenças pode ser importante na compreensão dos padrões de relacionamento predominantes sob essas subculturas e na inferência de valores e normas comuns, ou específicos, que influem no desempenho social. O controle das variáveis sexo e idade permitira, nesse caso, examinar as relações entre essas variáveis pessoais e as características contextuais ou culturais mais amplas.

Nos estudos de larga escala, uma população bastante estudada é a de estudantes universitários: nos anos 1970 e 80 especialmente nos Estados Unidos (Chandler, Cook & Dugovics, 1978; J. Galassi, Delo, M. Galassi & Bastien, 1974) e na Inglaterra (Argyle, 1984, 1988; 1994; Bryant & Trower, 1974); posteriormente, também em outros países (Abarca & Hidalgo 1989; Caballo, 1995; Hidalgo & Abarca, 1990), incluindo-se o Brasil (Ayres, 1994; A. Del Prette, 1978; Z. Del Prette & A. Del Prette, 1983; Falcone, 1998). Esses estudos adquirem particular importância quando se considera que a formação de terceiro grau deveria incluir o desenvolvimento interpessoal como parte dos objetivos acadêmicos (Z. Del Prette & A. Del Prette, 1983), principalmente naquelas áreas cuja atuação depende, criticamente da qualidade das relações profissional-cliente (A. Del Prette, A. & Z. Del Prette, 2001; A. Del Prette, Z. Del Prette & Branco, 1992a). Esse é o caso, por exemplo, da formação em Psicologia.

Em estudos nacionais sobre o desempenho interpessoal

Del-Prette (Z. Del Prette & A. Del Prette, 1983) foram encontradas evidências de propriedades psicométricas satisfatórias para o IHS-Del-Prette. Em termos de estabilidade temporal, estudos com reteste e com medidas, um estudo de intervalo (Z. Del Prette & Barreto, 1999), com medidas tomadas a um intervalo de 6 meses, Z. Del Prette e Barreto (1999) e Z. Del-Prette indicaram diferenças significativas na versão experimental, mas não para o teste de coerência com dados de observação. Estudos com os dados dos participantes e seus relatos de experiências de vida, a validade do IHS-Del-Prette foi verificada em termos de consistência interna e validade de medidas de habilidades sociais (Costa, Z. Del Prette, 2001b) e até de fatores de personalidade (Costa, Z. Del Prette & J. Oliveira, 2001). Um estudo de validade de conteúdo (Bandeira, Costa, Z. Del Prette & Carneiro, 2000) forneceu evidências de validade de teste-reteste ($r=0,90$; $p=0,001$) e de validade de constructo ($r=0,79$; $p=0,01$) com o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Goleman (1973). Embora não se disponha de evidências confirmatórias da estrutura fatorial do IHS-Del-Prette, estudos acima reportaram um modelo fatorial encontrada na amostra nortista.

Dadas as considerações anteriores, este estudo tem por objetivos: a) caracterizar, com base no repertório de estudantes de psicologia, as habilidades sociais brasileiras (três da região sudeste) e b) analisar o efeito da localidade e das variáveis sexo e idade sobre cada uma das habilidades características das subculturas locais. Os resultados às diferenças eventualmente encontradas nos resultados para as qualidades sociais serão discutidos no IHS-Del-Prette e para novos estudos na área.

Método

Participantes

A amostra foi formada por 141

Tabela 1

Características Sócio-demográficas da Amostra Brasileira Avaliada

Localidade	N (%)	Idade(anos) Méd (DP)	Sexo		Momento no C	
			Masculino N (%)	Feminino N (%)	Início N (%)	7 N (%)
MG	100 (0,18)	21,60 (2,37)	14 (0,14)	86 (0,86)	50 (0,50)	50 (0,50)
BA	132 (0,23)	21,12 (1,89)	31 (0,23)	101 (0,77)	58 (0,44)	74 (0,56)
SP	219 (0,39)	20,42 (1,73)	34 (0,15)	184 (0,85)	125 (0,57)	94 (0,43)
RJ	117 (0,21)	21,53 (2,14)	21 (0,18)	94 (0,80)	61 (0,52)	56 (0,48)
Total	564 (0,99)	21,02 (2,04)	99 (0,17)	465 (0,83)	294 (0,52)	270 (0,48)

Tabela 2

Matriz de Correlação entre as Variáveis Dependentes do Estudo

Variável Dependente	F1	F2	F3	F4	F5
Escore	0,76**	0,61**	0,74**	0,61**	0,09*
F1		0,23**	0,38**	0,50**	-0,01
F2			0,36**	0,20**	0,06
F3				0,37**	0,09*
F4					0,02

Nota. ** Correlação significativa a 0,01 (2-tailed); * Correlação significativa a 0,05 (2-tailed).

representa em torno de 20% da amostra total. A média geral de idade foi de 21 anos, com pequena variação: de 20,42 (SP) a 21,60 (MG). Em todas as amostras, apenas 1/4 de respondentes é do sexo masculino, como é usual nos Cursos de Psicologia. A distribuição início-término é razoavelmente equilibrada em todas as amostras.

Instrumento

Na coleta de dados foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais, em uma versão de 42 itens que apresentou satisfatória consistência interna ($\alpha=0,8585$; $N=474$). No entanto, como os estudos sobre a sua estrutura fatorial basearam-se na versão de 38 itens (quatro a menos), publicada como IHS-Del-Prette (Del Prette, Z. & Del Prette, A., 2001), optou-se por analisar somente os dados referentes a esses 38 itens que, neste estudo, apresentaram consistência interna semelhante ($\alpha=0,8326$; $N=545$).

para a obtenção do escore). A segunda parte da escala possui um cabeçalho para a coleta de informações sobre o participante e uma tabela para a anotação das respostas, por item, de frequência.

Os estudos com o IHS-Del-Prette indicaram a validade de cinco fatores, com consistência interna satisfatória para o total (alfa de Cronbach=0,75) e para cada uma das subescalas: F1) auto-afirmação e enfrentamento ($\alpha=0,9650$); F2) auto-afirmação na expressão de sentimentos ($\alpha=0,8673$); F3) conversação e desenvolvimento de relacionamentos ($\alpha=0,7525$); F4) auto-exposição a desconhecidos ou a situações aversivas ($\alpha=0,7413$). A correlação entre os fatores bem como entre os quatro primeiros fatores com o IHS-Del-Prette é altamente significativa. As correlações foram também verificadas para as amostras de MG, BA e RJ.

Inicialmente, criou-se um banco de dados no programa SPSS, com as informações obtidas diretamente no IHS-Del-Prette (localidade, idade, sexo, momento do curso e as respostas aos 38 itens). Em seguida, calculou-se escore geral (soma das respostas aos 38 itens) e os cinco escores fatoriais de cada estudante, segundo as instruções do manual (Z. Del Prette & A. Del Prette, 2001) bem como a identificação, separadamente por sexo, dos seus percentis correspondentes. Apesar da recomendação de que o inventário fosse respondido em sua totalidade, alguns estudantes não o fizeram e, por isso, ao se apresentar as estatísticas descritivas (valor médio e desvio-padrão), foi incluído o número de estudantes em cada caso.

Foram efetuadas análises múltiplas de variância (ANOVA) para verificar a significância dos efeitos de cada uma das variáveis independentes (localidade, sexo e idade) sobre as variáveis dependentes (escores fatoriais) e a interação entre eles. A decisão de se usar a ANOVA ao invés da MANOVA e de não se realizar uma MANOVA prévia baseou-se na análise de Hubert e Morris (1989), que questiona a adequação e a lógica do uso, bastante generalizado na pesquisa psicológica, da combinação entre MANOVA e ANOVA e explicita as condições em que um ou outro procedimento é mais adequado. Assim, apesar da correlação significativa entre as variáveis dependentes, o uso da ANOVA se justifica, neste estudo, com base em pelo menos por duas razões apontadas por aqueles autores: a) o objetivo foi comparar variáveis de resultados mais do que buscar uma combinação dessas variáveis para produzir um constructo subjacente ou um agrupamento de variáveis dependentes; b) este estudo possui uma natureza exploratória devido à escassez de pesquisas prévias sobre as relações que estão sendo investigadas e sua correspondência com constructos subjacentes.

Os efeitos significativos das análises *post-hoc* com contrastes entre sexo e idade (Scheffé ou o teste de Tukey) foram analisados. Na análise das diferenças entre o grupo mais jovens (abaixo do Teste t que leva em conta a diferença entre dois grupos, típica dos cursos de graduação) e o grupo mais velhos (acima de 20 anos) e os mais velhos (acima de 40 anos) e as respectivas proporções que variaram de 40% a 60% ao outro.

Resultados e Discussão

Os dados descritivos gerais das habilidades sociais da amostra, subdividida por sexo e idade, estão na Tabela 3, com indicações da posição percentil do escore geral em relação aos padrões normativos (Z. Del Prette & A. Del Prette, 2001).

Os resultados situaram a amostra em torno do percentil mediana ou acima da mediana para os escores F1, F3 e F4, com exceção dos sexos apresentando escores abaixo da mediana em outras palavras, em relação à amostra de estudantes de Psicologia se percebeu uma frequência de habilidades assertivas, desenvoltura social (F3) e de autoconfiança em situações novas (F4) e menor frequência de expressão de afeto positivo (F4) e de habilidades de empatia (F5). Pode-se concluir que, em geral, os estudantes de Psicologia são mais extrovertidos em relação às den-

Tabela 3

Dados Descritivos (N= Número de respondentes; M= Média; DP= Desvio Padrão) da Amostra, por Sexo e Idade, com Indicação da Posição Percentil em que se Situa

Variáveis dependentes	Sexo	n	M
Escore Geral	Masculino	27	66,00

desenvoltura social, os estudantes de Psicologia seriam menos expressivos nos sentimentos positivos e negativos.

Em relação ao sexo, a ANOVA mostrou diferenças significativas para F1 ($F=19,364; p=,000$); F2 ($F=12,915; p=,000$); F4 ($F=4,438; p=,036$) e F5 ($F=12,967; p=0,000$). A direção dessas diferenças (*Teste t*, variâncias não assumidas como iguais) foi favorável ao sexo feminino no F2 ($t= -3,614; p=0,000$) e ao sexo masculino no F1 ($t= 4,220; p=0,000$), F4 ($t=2,206; p=0,029$) e F5 ($t=3,601; p=0,000$). Esses resultados são semelhantes aos da amostra normativa, exceto pelo acréscimo de F4. Pode-se concluir que, embora os dois grupos sejam bastante habilitados diante de situações que requerem “traquejo social”, os do sexo masculino seriam ainda mais em relação aos do sexo feminino do que o seu grupo de referência. Por outro lado, as alunas de Psicologia não diferiram das universitárias em geral ao apresentarem maior frequência de habilidades sociais de expressão de afeto positivo (F2) que os estudantes do sexo oposto.

A variável idade apresentou efeito significativo somente no F4 ($F=6,221; df=559; p=0,013$), com a diferença entre os dois grupos (*Teste t*, variâncias não assumidas como iguais) ocorrendo em direção contrária à que normalmente se esperaria com base na literatura (Caballo, 1993): os estudantes mais novos

apresentaram escores mais altos que os estudos ($t=2,490; df=564; p=0,019$). Pode-se supor que a amplitude de idade foi muito pequena e que vivem situações e demandas razoavelmente semelhantes. As variáveis podem estar associadas a tais efeitos.

A análise das interações entre localidade mostrou-se significativa para localidade/idade ($F=3,791; p=0,010$) e localidade/sexo ($F=3,791; p=0,010$). A comparação das diferentes localidades, quanto a isso, é apresentada, a seguir.

Os dados descritivos dos escores fatoriais das diferentes localidades são apresentados na Tabela 4.

As diferenças entre localidades (ANOVA) foram significativas para F1 ($F=3,721; p=0,011$), F2 ($F=10,086; p=0,000$) e F5 ($F=10,086; p=0,000$). A análise de *post-hoc* indicou que, no F1, os estudantes de RJ apresentaram escores mais altos que os de SP ($p=0,044$). No F2, MG apresentou escores mais altos que BA ($p=0,000$) e BA ($p=0,007$). No F5, RJ apresentou escores mais altos que MG ($p=0,012$) e SP ($p=0,039$). Portanto, os estudantes cariocas se percebem como mais expressivos que os demais e que estes seriam mais seletivos nesse aspecto. Os estudantes mineiros se av

Tabela 4

Dados descritivos (N= Número de respondentes; M= Média; DP= Desvio Padrão) dos Escores Fatoriais de cada Amostra

Variável Dependente	MG			BA			SP			N
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	
F1	100	9,30	3,16	131	9,16	3,02	215	9,31	2,68	117
F2	100	9,51	1,75	130	8,54	1,98	219	8,93	1,76	117
F3	100	1,14	,75	131	,79	,79	219	1,05	,64	117
F4	100	3,43	1,23	131	1,32	1,32	218	3,63	1,22	117
F5	100	1,13	0,75	131	0,79	0,79	219	1,05	0,63	117

Tabela 5

Dados Descritivos (N= Número de respondentes; M= Média) dos Escores Fatoriais de cada Amostra, Subdividida em Função de

MG BA SP

expressivos na demonstração de sentimentos positivos em relação a amigos e familiares, aspecto em que os do RJ e BA apresentaram os mais baixos valores.

Os dados descritivos para a análise do efeito do sexo sobre os escores fatoriais, nas diferentes amostras, são apresentados na Tabela 5.

As diferenças no F1 ocorreram para a amostra de MG ($t=2,062$; $p=0,042$), BA ($t=3,900$; $p=0,000$) e SP ($t=2,609$; $p=0,010$); no F4, somente para a amostra da BA ($t=3,243$; $p=0,002$) e no F5 para BA ($t=3,812$; $p=0,000$) e MG ($t=2,063$; $p=0,042$). As diferenças no F2, favoráveis ao sexo feminino, foram verificadas para a amostra de MG ($t=2,630$; $p=0,010$) e da BA ($t=-3,394$; $p=0,001$).

Com base nesses dados, podemos concluir que a influência do sexo parece ser maior entre os estudantes de Psicologia da Bahia e, em segundo lugar, entre os estudantes de Minas, onde ocorreu para maior número de fatores. As diferenças verificadas coincidem com as da amostra geral e da normativa em que se apóia o IHS-Del-Prette (Z. Del Prette & A. Del Prette, 2001), ou seja, superioridade masculina em F1 e F5 e feminina no F2, exceto que, entre os da Bahia, os homens apresentaram escores fatoriais significativamente maiores também no F4. É interessante observar que houve apenas uma diferença significativa de sexo para a amostra de São Paulo, referente a F1 e nenhuma entre os estudantes do Rio de Janeiro.

Os dados descritivos para a análise do efeito da idade sobre os escores fatoriais, nas diferentes localidades, são apresentados na Tabela 6.

Como se vê na Tabela 6, os dados descritivos das duas faixas de idade são, nominalmente, bastante semelhantes nas quatro amostras. A análise estatística das diferenças de idade foi favorável aos mais novos no F4 somente entre os estudantes de SP. Adicionalmente, foram encontradas duas diferenças no F5, porém

favoráveis aos mais velhos: na amostra de SP ($t=2,36$; $p=0,022$) e do RJ ($p=-2,36$; $p=0,022$).

Conclusão

Os resultados encontrados indicam diferenças entre as amostras, no desempenho social aferido pelo IHS-Del-Prette, e na emissão de reações socialmente corretas. É importante destacar que, neste estudo, a análise das diferenças não inclui os aspectos de habilidades avaliadas (componentes de cada uma das habilidades sob análise) (enquanto indicador competência social) de frequência. Embora a frequência de utilização das habilidades para a avaliação do desempenho social seja sempre importante reconhecer os indicadores produzidos pelos diferentes aspectos da multidimensionalidade do desempenho social (Z. Del Prette & Z. Del Prette, 1999; Z. Del Prette, 2002).

Chama à atenção o padrão geral dos resultados encontrados, quanto à menor expressão de sentimentos positivos (F2) e negativos (F5) entre os estudantes de universitários, o que se mostrou para as amostras do RJ (F2 e F5) e BA (F2 e F5). Há, portanto, duas explicações: a) um estereótipo do psicólogo como um profissional controlado, que poderia ser reforçado, ou, mesmo, constituir um fator de influência nessa área de formação; b) déficit de habilidades nessa área, que o curso não estaria suprimindo (Z. Del Prette & Branco, 1992a) e, portanto, características do desempenho social.

Tabela 6

Dados Descritivos (N =Número de respondentes; M =Média) dos Escores Fatoriais de cada Amostra, Subdivididos por Sexo e Idade

Variável	Grupo	MG		BA		SP	
		N	M	N	M	N	M

ser investigadas em estudos futuros, comparando-se o padrão apresentado pelos iniciantes e concluintes.

Essas diferenças poderiam também refletir valores e normas próprios dessas duas localidades que têm, em comum, o fato de serem cidades de grande porte, ao contrário das duas outras. Aqui, é interessante ressaltar que a amostra do RJ apresentou os escores mais altos nas habilidades assertivas de enfrentamento (F1), configurando portanto, um certo desequilíbrio entre a competência diante de demandas negativas e positivas. Pode-se levantar a hipótese de que, em grandes metrópoles em geral, e no Rio de Janeiro em particular, o estresse cotidiano, que gera maior preocupação com a integridade e segurança, pode restringir a expressividade de sentimentos positivos. Esta é uma questão a ser investigada comparando-se amostras de cidades grandes e pequenas.

O padrão de semelhanças identificado neste trabalho ocorreu tanto para o escore geral como para os escores fatoriais, sugerindo que a base cultural comum a essas localidades é mais determinante do que as eventuais diferenças entre subculturas, pelo menos em termos do auto-relato da frequência de habilidades sociais. Essa base cultural comum certamente está relacionada a vários fatores, entre eles: a) a semelhança da língua, que estabelece um conjunto de regras para a comunicação, aqui se incluindo as formas de comunicação assertiva (Hargie, Saunders & Dickson, 1994); b) a alta migração e mobilidade populacional, gerando forte mesclagem de costumes e formas de relacionamento; c) os meios de comunicação que realçam e disseminam certos padrões de interação social. As telenovelas, por exemplo, oferecem modelos de desempenhos para diferentes situações, bem como variantes para pessoas de diferentes características demográficas. No caso das amostras situadas na faixa etária deste estudo, para as quais são bastante críticas as demandas afetivas, de trabalho e de constituição de vida independente, tais modelos podem ser especialmente efetivos.

Apesar do padrão geral de semelhanças, é interessante observar que há mais semelhança entre São Paulo e Minas e entre Rio de Janeiro e Bahia, do que entre esses dois subgrupos. No escore geral, enquanto os estudantes do Rio de Janeiro apresentaram valores mais altos no F1, os de Minas se destacaram

Nicotera & Rancer, 1994; Margalit & Eysenck, 1994; Sarason, Hacker & Basham, 1985, entre outros.

No entanto, considerando-se o efeito do sexo, em ambas as amostras, verificou-se que São Paulo e Rio de Janeiro apresentaram um padrão menos diferenciado entre homens e mulheres do que as duas amostras restantes. É difícil explicar essa diferença, porém pode-se indagar se a educação dos jovens de São Paulo viria incorporando as noções de igualdade de gênero mais fortemente do que os jovens das outras localidades.

Dada a influência do sexo, pode-se dizer que a variável não foi controlada (caso de localidade de origem). Os resultados acabaram refletindo mais fortemente o padrão típico dos estudantes de Psicologia. Embora não se possa dizer se fosse motivada pela preocupação de controle emocional, pode-se esperar resultados diferentes em escores para estudantes de cursos onde essa composição social seja mais variável.

Na análise da influência da idade, praticamente não ocorreram diferenças. Por isso, foram consideradas duas hipóteses: a) a faixa etária contemplada pelo estudo foi suficientemente ampla para diferenciar os grupos, e tais diferenças passam a ser menores a partir da idade adulta. Esses aspectos sugerem questões para pesquisa futura, como a identificação dos períodos do ciclo de vida em que as diferenças são mais salientes e até mesmo a possibilidade de uma assíntota em determinada faixa etária.

Em resumo, os dados mostraram um padrão geral de semelhanças, com algumas diferenças pontuais, fornecendo indicadores adicionais para o IHS-Del-Prette, pelo menos junto a estudantes de Psicologia, que não dispensa a necessidade de novos estudos com este instrumento, seja com a finalidade de confirmação da dimensionalidade em amostras oriundas de outras localidades, com o objetivo prático de ampliar os parâmetros de referência para sua utilização na avaliação clínica.

O exame mais detalhado do significado das diferenças encontradas neste estudo certamente envolverá a análise adicional das outras dimensões do conceito de habilidades sociais, o que poderia ser feito com o uso de outros instrumentos (como o IHS-Del-Prette, versão 2.0).

de aprofundar a análise das diferenças entre essas amostras e subgrupos.

A natureza situacional-cultural das habilidades sociais tem sido amplamente reconhecida na literatura (Argyle, 1984; 1994; Bryant, & Trower, 1974; Furnham, 1979; Trower & cols., 1978, entre outros), mas pode-se argumentar que é ainda insuficientemente sustentada por dados empíricos sobre padrões característicos do desempenho social de diferentes grupos culturais. Este estudo, ainda que essencialmente exploratório e preliminar em nosso país, constitui uma tentativa de contribuição para a ampliação de tais dados. Entende-se que um maior investimento nessa temática remete não somente a questões metodológicas ligadas ao aperfeiçoamento de instrumentos de avaliação, mas também a questões relativas à própria estrutura dos conceitos de habilidades sociais e de competência social.

Referências

- Abarca, N. & Hidalgo, C. G. (1989). Evaluación psicométrica de habilidades sociales en jovens universitarios Chilenos. *Revista Análisis del Comportamiento*, 4, 51-62.
- Argyle, M. (1984). Some new developments in social skills training. *Bulletin of British Psychological Society*, 37, 405-410.
- Argyle, M. (1988). *Bodily communication* (2^a ed.). Methuen: London
- Argyle, M. (1994). *Psicología del comportamiento interpersonal*. Madrid: Alianza Universidad. (Original publicado em 1967)
- Ayres, L. S. M. (1994). *Uma escala brasileira para a medida da assertividade*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, RJ.
- Bandeira, M. (1999). Competência social de psicóticos: Parâmetros de treinamento para programas de reabilitação psicossocial (Parte II). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 48, 191-195.
- Bandeira, M. & Tremblay, L. (1998). Competência social de psicóticos: Um estudo de validação social. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 47, 185-192.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Gerke-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): Estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5, 401-419.
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-182.
- Bresnahan, M. J., Shearman, S. M. & Lee, S. Y. (2002). Personal and cultural differences in responding to criticism in three countries. *Asian Journal of Social Psychology*, 5, 93-105.
- Bryant, B. & Trower, P. (1974). Social difficulty in a student sample. *British Journal of*

- Chandler, T., Cook, B. & Dugovic, D. (1980). The relationship between self-reported assertiveness. *Psychological Reports*, 43, 395-400.
- Del Prette, A. (1978). O treino assertivo na formação de psicólogos. *Revista de Psicologia Aplicada*, 30, 53-55.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Manual de habilidades sociais para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Barreto, A. (1998). O treinamento de habilidades sociais en la formación del psicólogo: Análisis de su efectividad. *Conductual*, 7, 27-47.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Branco, A. (1998). O treinamento de habilidades sociais na formação do psicólogo. *Paidéia: Cadernos de Psicologia*, 8, 1-10.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1988). O treinamento de habilidades sociais em estudantes de Psicologia. *Revista de Psicologia*, 2, 1-10.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Manual de habilidades sociais para a educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001). *Manual de habilidades sociais para a educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2002). O treinamento de habilidades sociais em crianças com um inventário multimídia: Efeitos à frequência versus dificuldade. *Psicologia em Pesquisa*, 11, 1-10.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Branco, A. (1998). Um levantamento de situações críticas de vida em Associação Brasileira de Psicologia. *Revista de Psicologia*, 8, 1-10.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Correia, A. (1998). Um estudo comparativo entre alunos de Psicologia e Mecânica. *Psicólogo Escolar: Identidade e Perspectivas*. (pp. 384-387). Campinas: Alameda.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Correia, A. (1998). Um estudo comparativo entre alunos de Psicologia e Mecânica. *Psicólogo Escolar: Identidade e Perspectivas*. (pp. 384-387). Campinas: Alameda.
- Falcone, E. O. (1998). *Avaliação de um programa de treinamento de habilidades sociais*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Fray, J. S., & Hector, M. A. (1987). The assessment of social skills from a cross-cultural perspective. *International Journal of Cross-Cultural Research*, 10, 103-110.
- Furnham, A. (1979). Assertiveness in the context of cultural differences. *Journal of Clinical Psychology*, 35, 1-10.
- Furnham, A. (1993). Communication in face-to-face interaction: Culture shock, language, and cures of culture shock. *Language and Communication*, 13, 1-10.
- Galassi, J. P., Delo, J. S., Galassi, M. D. & Galassi, J. P. (1998). The expression scale: A measure of assertiveness. *Journal of Nonverbal Behavior*, 22, 1-10.
- Gerke-Carneiro, E., Alves, L. H. J., Ziviani, C. & Araújo, L. B. (2001a). Estudo comparativo de habilidades sociais [Resumos]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia. XXXI Reunião Anual da sociedade Brasileira de Psicologia. SBP.
- Gerke-Carneiro, E., Alves, L. H. J., Ziviani, C. & Araújo, L. B. (2001b). Sondagem de habilidades sociais em estudantes de Psicologia. *Revista de Psicologia*, 11, 1-10.

- Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington, USA.
- Margalit, M. & Eysenck, S. (1990). Prediction of coherence in adolescence: Gender differences in social skills, personality, and family climate. *Journal of Research in Personality*, 24, 510-521.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, 4, 1-33.
- Nicotera, A. M. & Rancer, A. S. (1994). The influence of Sex on self-perceptions and social stereotyping of aggressive communication predispositions. *Western Journal of Communication*, 58, 283-301.
- Nikura, R. (1999). The psychological process underlying Japanese assertive behavior: Comparison of Japanese with Americans, Malaysians and Filipinos. *International Journal of Intercultural Relations*, 23, 47-76.
- Rathus, S. A. (1973). A 30-itemschedule for assessing as. *Therapy*, 4, 398-406.
- Sarason, B. R., Sarason, I. G., Hacker, T. A. & Basham, R. (1978). Social support of social support: Social skills, physical attractiveness. *Personality and Social Psychology*, 49, 469-480.
- Trower, P., Bryant, B. & Argyle, M. (1978). *Social skills and social support*. Methuen.
- Wood, P. S. & Mallinckrodt, B. (1990). Culturally sensitive social support for ethnic minority clients. *Professional Psychology: Research and Applications*, 19, 1201-1210.
- Yashima, T. & Tanaka, T. (2001). Roles of social support in the process of intercultural adjustment of Japanese adolescents. *Psychological Reports*, 3(2), 1201-1210.

Sobre os autores

Zilda A P. Del Prette é Psicóloga, Pós-doutora pela *University of California, Berkeley*. É Professora da Universidade Federal de São Carlos.

Almir Del Prette é Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. É Professor da Universidade Federal de São Carlos.

Marina Bandeira é Pós-doutora pelo *Centre de Recherche Fernand Seguin - Université de Montreal*, Canadá. É Professora da Universidade Federal de São João Del Rei.

Maria Refugio Rios-Saldaña é Professora da *Universidad Nacional Autónoma de México*.

Ana Lúcia Alcântara Oliveira Ulian é Psicóloga e Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. É Professora da Universidade Federal da Bahia.

Eliane Gerke-Carneiro é Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas. É Professora da Universidade Estácio de Sá.

Eliane Mary de Oliveira Falcone é Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. É Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Maria Cecília Mendes Barreto é Estatística e Pós-doutora pela *The University Of Nottingham*, Inglaterra. É Professora da Universidade Federal de São Carlos.

Miriam Bratfisch Villa é Psicóloga e Doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.